

**FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

RAYANE STÉFANE ROCHA

**AS EXIGÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS E OS POSSÍVEIS REFLEXOS NA
SUBJETIVIDADE NA INFÂNCIA**

**PATOS DE MINAS
2018**

**FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

RAYANE STÉFANE ROCHA

**AS EXIGÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS E OS POSSÍVEIS REFLEXOS NA
SUBJETIVIDADE NA INFÂNCIA**

Artigo apresentado à Faculdade Patos de Minas como requisito para conclusão de Curso de Graduação para finalidade de obtenção do título de Bacharel em Psicologia, podendo gozar dos direitos de Psicólogo.

Orientador: Prof. Me. Leonardo Carrijo
Ferreira

**PATOS DE MINAS
2018**

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
Curso Bacharelado em Psicologia

RAYANE STÉFANE ROCHA

**AS EXIGÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS E OS POSSÍVEIS REFLEXOS NA
SUBJETIVIDADE NA INFÂNCIA**

Banca Examinadora do Curso de Bacharelado em Psicologia, composta em 29 de
junho de 2018.

Orientador: Prof. Me. Leonardo Carrijo Ferreira
Faculdade Patos de Minas

Examinadora 1: Profa. Ma. Karla Priscilla Lemgruber
Faculdade Patos de Minas

Examinador 2: Prof. Ma. Aline Fernandes Alves
Faculdade Patos de Minas

DEDICO este trabalho a todos que se interessam pelas crianças, ou se preocupam com os futuros adultos.

AGRADECIMENTO

Nenhum trabalho é realizado por esforço individual, aqui se encontra a contribuição das vivências pessoais e acadêmicas, compartilhadas ao decorrer de toda a graduação.

Agradeço a Deus por me guiar com força e luz, e permitir que chegasse até aqui. A minha amada mãe Carlene, por me conceder a existência, um exemplo de caráter e amor incondicional, sendo meu porto seguro em todos os momentos. Aos meus queridos irmãos Ryan e Eduarda, por todo carinho e compreensão. Aos meus avós Terezinha e Manoel, pelo afeto e contribuição à minha educação. A meu padrasto Eduardo, pelo zelo e dedicação prestados a nossa família. Aos meus amigos e familiares pela paciência, companheirismo e por estarem ao meu lado no decorrer dessa caminhada.

A todos os professores, por contribuírem para meu crescimento, por meio de ensinamentos que me fizeram desconstruir e construir novas percepções sobre a vida. Em especial ao meu orientador, mestre e amigo Leonardo, por todo conhecimento ímpar, escuta e incentivo.

Ao final de tanto, posso reconhecer que o maior aprendizado foi a descoberta de mim mesma. Agradeço de coração a todos que de forma direta ou indireta, contribuíram para a realização deste trabalho.

A única coisa que se aprende e realmente faz diferença no comportamento da pessoa que aprende, é a descoberta de si mesma.

Carl Rogers

**AS EXIGÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS E OS POSSÍVEIS REFLEXOS NA
SUBJETIVIDADE NA INFÂNCIA
THE CONTEMPORARY REQUIREMENTS AND POSSIBLE REFLECTIONS ON
SUBJECTIVITY IN CHILDREN**

Rayane Stéfane Rocha¹
Leonardo Carrijo Ferreira²

RESUMO

Pretende-se neste estudo, apresentar o conceito de subjetividade e sua constituição na infância, assim como os possíveis impactos exercidos pelas exigências contemporâneas, juntamente a métodos de educação, que implicam no convívio social. Entende-se que o silenciamento da expressividade natural da criança é imposto como uma condição controladora, a partir de condutas repassadas a cada geração consideradas ideais perante a sociedade. Como resultado, os indivíduos podem tornar-se com o tempo, menos criativos e futuros adultos inseguros. Nesta pesquisa bibliográfica, apresenta-se o constante desenvolvimento do sujeito, que por intermédio de experiências e assimilações, esforça-se em sua construção singular. Espera-se que este estudo possa causar reflexões a respeito dos modelos de formação do sujeito do qual se conhece, fornecer subsídios necessários para a construção de estratégias mais condizentes para propiciar intervenção nas adversidades, provocar discursos e práticas do coletivo.

Palavras-chave: Subjetividade. Infância. Medicalização. Psicologia.

ABSTRACT

The objective of this study is to show the definition of subjectivity and its constitution in childhood, and the possible impacts at demands contemporary, along with educational methods that imply social interaction. It is understood that the silencing of the child's natural expressiveness is imposed as a controlling condition, through conduct passed on to each generation considered ideal before society. As a result, individuals can become over time, less creative and future insecure adults. In this bibliographic research, it is shown the constant development of the subject, who through experiments and assimilations, strives in its singular construction. It is hoped that this paper may bring reflections on the models of subject formation, provide necessary aids for the construction of adequate strategies to promote intervention in adversities, and cause discourses and practices of the collective.

Keywords: Subjectivity. Childhood. Medicalization. Psychology

¹ Graduanda em Psicologia pela Faculdade Patos de Minas (FPM). rayanesrocha@gmail.com

² Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Docente e orientador do Departamento de Graduação em Psicologia da FPM. p.i.i.h@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, com o grande desenvolvimento da sociedade, é necessário se repensar o contexto da realidade, que se transforma constantemente levando a questionamentos sobre as formas de educação. Vive-se em uma cultura com base repressora e punitiva, em que a referência é segui-la como modelo a cada nova geração. Partindo do pressuposto de que os pais e cuidadores tendem a perpetuar a maneira de educação da qual se conhecem, esta que se mostra desatualizada na atual conjuntura.

Em decorrência deste pensamento, justifica-se o interesse em compreender a subjetivação das crianças da atualidade. Entende-se que as instituições, no processo de formação da subjetividade cultuam um modelo de educação, que na maioria das vezes, incompreensível, pune, impõe e tolhe aquilo que é expresso pelo sujeito. Compreende-se, que a subjetividade não implica em posse, mas a uma produção incessante, decorrente dos encontros vivenciados com o outro. Dessa maneira, o outro pode ser compreendido não como outro social, contudo como a natureza, os acontecimentos, as invenções, aquilo que produz efeito e reações na maneira de se viver (Mansano, 2009).

As crianças funcionam harmonicamente e os cuidadores interrompem este funcionamento natural por intermédio de uma educação repressiva, que ao longo da vida, poderá gerar problemas no âmbito das relações e da sexualidade. Conseqüentemente, podem se tornar futuros adultos inseguros, frustrados e egoístas. Presume-se que se for desenvolvido um cauteloso trabalho, poderia amenizar ou até mesmo resolver alguns destes problemas (Reich, 2013).

Nessa perspectiva, é relevante atentar-se aos danos emocionais, afetivos e aos comprometimentos que os adultos, a partir de regras, moralismos e neuroses, podem causar às crianças, visto que, elas estão cada vez mais estigmatizadas e adoecidas. Deve-se levar em consideração que a cada nova geração é necessário um ajustamento nas configurações educacionais e nas reais necessidades das crianças. O ponto não é sobre criá-las livres de algum problema, porém, livres de sintomas que se possam criar raízes permanentes (Albertini, 1994).

Por meio desta pesquisa bibliográfica, pretende-se apresentar o conceito de subjetividade e sua constituição na infância, assim como os possíveis impactos exercidos pelas exigências contemporâneas, juntamente a métodos de educação,

que implicam no convívio social. Percebe-se o quanto as patologias estão crescentes, e com isso a medicalização igualmente como forma de repressão, aliada a falta de preparo dos adultos para lidarem com a espontaneidade das crianças. Da mesma forma, neste estudo, é intuito causar reflexões a respeito dos modelos de formação do sujeito que se conhece, e assim fornecer subsídios para a construção de diferentes estratégias de intervenção nas adversidades.

2 A SUBJETIVIDADE NA CONSTITUIÇÃO DO INDIVÍDUO

Para constituir-se enquanto sujeito, são várias as influências que o indivíduo recebe, do nascimento até a fase adulta. Desde que se está no mundo à construção da subjetividade é necessária. A partir do momento da concepção, o ser humano passa pelos processos de desenvolvimento decorrentes em todos os períodos da vida, nos quais se incluem mudanças nos domínios físico, cognitivo e psicossocial. O desenvolvimento recebe influências internas e externas, intimamente ligadas a contextos que abrangem família, sociedade, condição socioeconômica e cultural (Papalia, Olds, & Feldman, 2006).

De acordo com o desenvolvimento cognitivo, existe uma grande contribuição para se compreender o processo, no qual decorrem vários fatores, como a maturação do sistema nervoso que é uma condição necessária, a experiência, a transmissão educativa e um equilíbrio por autorregulação. O sujeito relaciona-se com o mundo por meio da linguagem, esta é uma forma essencial para se estabelecer comunicações intersubjetivas, indispensáveis à construção e percepção do outro, e ao mesmo tempo de si (Piaget, 1988).

A relação entre indivíduo e objetos sociais é mediada pelas estruturas cognitivas, responsáveis por associações entre o mundo real e intelectual, que servem como alicerce para ser capaz de construir-se como singular em meio às influências de sua realidade. Compreende-se que o sujeito é ativo no processo de constituição de sua dimensão subjetiva, e estabelece assim uma relação com o meio externo em forma de análise para sua construção social (Magalhães, 2014).

Winnicott (1983) propõe uma visão crítica sobre como o corpo, por intermédio das suas capacidades motoras e sensoriais, contribui na elaboração do eu, no qual sua constituição é o resultado do começo. No entanto, não existe um eu desde o início, mas a soma de experiências, sensorialidades, movimentos inaugurais,

qualidades corpóreas e motoras, que juntas resultam-se nessa multiplicidade de inícios, inaugurando o momento de integração do eu. Este é um processo maturativo de pressupostos rudimentares, que se pretende informar o começo das experiências e o desenvolvimento emocional considerado pessoal.

Vygotsky (1991) afirma que desde o momento em que o indivíduo existe constitui-se experiências, por meio do corpo de fora para dentro, em uma troca mútua entre o ambiente e sua relação com o outro. Uma existência prática da relação dialética, no qual concomitantemente, se internaliza aquilo que é externo com o conteúdo interno.

O corpo em suas produções carrega como expressão o conjunto de forças do coletivo, por meio de interferências no começo motor e sensorial. O processo de subjetivação exerce domínio fechado, do qual não se restringe ao existir singular, entretanto, existem forças de dominação desempenhadas pelos saberes e poderes instituídos. Dessa forma, determinam-se o modo de existência por intermédio da disciplina e das normas, que se estabelecem no discurso do sujeito sobre ele mesmo (Foucault, 2009).

A consciência se constrói de fora para dentro, a qual provém da experiência histórica social e da relação com o mundo. Instigando-se assim a imaginação, aquilo que não se ajusta a realidade, porém, serve como base para todo movimento criativo. Essa atividade criativa manifesta-se em diversas áreas como artística, científica, técnica e nas grandes invenções. Além de revelar-se em tudo que emprega o imaginário, combinação, modificação e elaboração de algo novo. Portanto, a vida se baseia na utilização das experiências anteriores, as quais juntamente com o ambiente imediato, atuam-se fortemente para a formação da individualidade (Vygotsky, 2009).

A aprendizagem decorre-se de vários fatores, como fenômenos físicos, biológicos, sociais e culturais, que constroem o ser, suas sensações, pensamentos e imagens. Portanto, propõe-se a aprendizagem como um processo resultante da simultânea relação entre o individual e social. Por conseguinte, o indivíduo permite a produção singular diante daquilo que é interpretado pelas experiências externas, que se integram a formas históricas e atuais (Rey, 2003).

A subjetividade, que é um resultado decorrente das relações, dessa maneira, o outro pode ser compreendido não como outro social, contudo como a natureza, os acontecimentos, as invenções e tudo aquilo que gera de alguma forma efeitos na

maneira de viver. É indispensável se acrescentar que decorrem também de uma série de instituições, práticas e procedimentos vigentes em cada tempo histórico (Mansano, 2009).

A relação inicial da criança com o mundo acontece por meio do contato com o grupo primário, composto normalmente pelos pais, familiares, ou aqueles interligados diretamente a ela. Um segundo grupo mais amplo, é constituído pelas demais pessoas. Dessa forma, entende-se que as relações são mediadas pelas experiências estabelecidas no primeiro círculo mais restrito, que determinam como será o contato em outros ambientes e com grupos diferentes. É relevante levar-se em consideração as exigências sobre o comportamento diante das pessoas que a cerca, pois isto provoca convívios pessoais íntimos. Entretanto, não são somente suas conquistas que dependem disso, mas também suas alegrias e tristezas diretamente envolvidas em tais relacionamentos (Leontiev, 2010).

Segundo Vygotsky (2009) entende-se que a criança é menos criativa que o adulto, ao passo que este, por ter-se uma experiência diversificada, pode experimentar uma função imaginativa mais rica e madura. Já de acordo com Barroco e Tuleski (2007) é reconhecida a necessidade de ampliação da experiência da criança para que ela possa ver, ouvir, ler e vivenciar mais, seja de forma direta ou indireta. Portanto, assimilará os elementos reais que dispuser em seu mundo, tornando-se ainda mais produtiva e criativa. Em uma recíproca relação entre realidade e experiência, na qual a imaginação se constitui como condição necessária para as funções cerebrais do ser em seu desenvolvimento.

Percebe-se a existência de atravessamentos por diferentes vias, que colaboram para o cotidiano da vida, a qual se embasa em regras, normas e valores instituídos. A dinâmica em que os processos de subjetivação tomam forma, conta com a participação de dispositivos que permeia as relações sociais, como linguagem, tecnologia, ciência, mídia, trabalho, capital e informação, entre outros. Tendo como principal característica, o fato de ser infinitamente reinventada e posta em circulação no meio social (Mansano, 2009).

A subjetivação restringe-se a um processo que decorre por meio da história, no qual se reordenam sem cessar, uma luta entre o existir singular e as forças de dominação. Entretanto, estas forças se aplicam por intermédio de discursos, dos quais pretendem proferir e impor uma veracidade ao sujeito. Na medida em que tais

determinações não o transformam, denota-se assim a capacidade de se afirmar em sua própria verdade (Deleuze, 2001).

A subjetividade não se refere somente ao reconhecimento do sujeito como espécie ontologicamente imutável, mas também aos variados modos de atuar em modificáveis processos de subjetivação. Contudo, as relações de poder instituem regimes que determinam as percepções dos sujeitos, com códigos que regem a linguagem, os esquemas perceptivos, as trocas, as técnicas e seus valores. Dessa forma, cada sujeito rege as ordens empíricas das quais tem de lidar e encontrar-se (Foucault, 1988).

Diante disso, pode-se concluir que o indivíduo está em constante desenvolvimento, partindo de experiências, desconstrução e construção de concepções. No entanto, é pertinente abranger a estruturação da subjetividade, e como ela decorre mediante as percepções de mundo. Para que dessa maneira, se operem transformações necessárias para o acesso e constituição do ser, por intermédio de suas próprias vivências (Leontiev, 2010).

Compreende-se que as crianças precisam ser livres, sem restrições exacerbadas, preservando-se assim a espontaneidade com o intuito de proporcionar oportunidades, para que seja possível desenvolver-se por meio de suas experiências. É conveniente ressaltar a necessidade de tornar hábil, o adulto, para as vicissitudes da existência da criança, como uma ação mediadora e protetiva. Trata-se então de prepará-las de modo a suportar eventuais acidentes e infelicidades, em junção com suas próprias percepções, sendo singular o movimento de se constituir (Reich, 2013).

3 AS EXIGÊNCIAS E SEUS IMPACTOS NA SUBJETIVIDADE

Segundo Reich (2013), a repressão consiste em um fenômeno social, que se exerce como forma de educação e regulação. Salienta que as frustrações se aplicam em demasia com o objetivo de controle e canalização dos instintos da criança, dessa maneira impede-se sua adaptação à sociedade de forma livre. É indispensável o papel da frustração, pois serve como base na construção da personalidade, pois, desta maneira, propicia subsídios ao indivíduo para lidar com os diversos insucessos provenientes do viver. Entretanto, a crítica aqui consiste em se

evidenciar a crueldade infantil como algo natural, não em convertê-la em sentimento de compaixão e atitude social.

Entende-se que a personalidade existe em todo indivíduo, entretanto desenvolve-se no decurso da vida por meio da maturidade, determinação e inteireza, recursos que não se encontram presentes na infância. Se estes conceitos existissem na criança, eliminaria sua infantilidade, e a tornaria uma imitação do adulto precocemente (Jung, 1988).

O código moral dos indivíduos provém da educação dos pais durante a infância. Ressalta-se a existência de conflitos entre os desejos da criança e as proibições advindas dos cuidadores, o que mais tarde pode torna-se um conflito entre instinto e moralidade. Esta moral tem como objetivo a criação de um indivíduo que se adapte às ordens autoritárias, dessa forma servem como preparação para o ajustamento exigido pela sociedade (Reich, 1988).

Freud (1996) cita uma frase célebre de Goethe: “Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu” (p. 188). Concebe-se a existência de um legado a ser perpetuado, no qual são transmitidos os conteúdos, as maneiras e estados mentais empregados por determinada geração, que se manifestam nas gerações subsequentes. Contudo, para ter sentido, cabe dessa forma, a cada indivíduo apropriar e assimilar aquilo que se herdou.

Observa-se que a configuração do comportamento humano recebe influências da relação estabelecida com os pais durante a infância. Já que este é um modelo conhecido, reproduz-se na relação com a geração subsequente. Como exemplo, quando na infância uma pessoa lança perguntas como possível ataque a seus pais, é provável que não reaja de maneira fácil ou adequadamente quando as mesmas perguntas lhe forem lançadas por um filho. Em resposta, pode agir-se como os pais ou de forma diferente. Em decorrência disso, utiliza-se a repetição ou a reversão, ambos podem acarretar sentimentos de desconforto no adulto, por estarem ligados a fatores emocionais subjacentes às questões do filho (Searl, 1973).

Pode-se justificar o exemplo anterior, pela afirmação de Jung (1988) de que existe uma criança oculta permanentemente no adulto, este que por sua vez, tende a projetar-se na criança algum equívoco que permeia seu desenvolvimento na tentativa de repará-lo.

Os processos psíquicos, que avançam de uma geração a outra, mesmo com repressão de conteúdo, podem revelar alguns vestígios. Entende-se que este

conteúdo inconsciente é inacessível diretamente, porém há uma comunicação com o meio, o que pode viabilizar a expressão de afetos. É pertinente salientar que a impressão inconsciente dos costumes, cerimônias e dogmas, das quais se restaram da relação com os pais, podem possibilitar às gerações posteriores receberem-nas como herança de emoções no desenvolvimento psicosexual (Freud, 1980).

Na criança apresenta-se uma sexualidade ativa, que não tem relação com a reprodução, mas com uma energia chamada libido, entendida como força motriz dos processos psíquicos. Esta energia provém da relação pai-filho, que normalmente é ocultada pelo medo do castigo, no qual bloqueia e apaga da memória toda atividade sexual (Reich, 1988).

A sexualidade também é compreendida como um modo de expressão, no qual se liga estreitamente a sensibilidade nas relações com o outro e com mundo, por intermédio da criatividade e alteridade. Assim, a repressão da mesma tem como função ocultar e dissimular o caráter sexual, moldando-o de forma velada, nos discursos sobre o mesmo. Contudo, as culturas lidam com a dimensão sexual de várias maneiras, em busca de se compreender os sentidos, os valores e as normas. Diferencia-se o sexo não como algo natural, mas sim articulado a formas de simbolização que se elaboram nas relações com o ambiente externo (Foucault, 2009).

Nota-se que a repressão intensifica a sexualidade, mas a torna inconsciente, o que tende a se manifestar em diversas perturbações patológicas da mente. Portanto, com a inibição moral da sexualidade pode se desenvolver crianças com aspecto amedrontado, tímidas, submissas, obedientes e consideradas socialmente boas (Reich, 1988).

O poder é repressivo em sua essência, voltado a manejar o indivíduo em sociedade, no qual se corresponde aos mecanismos que tendem a submissão dos corpos por meio do controle das ideias. Assim, são submetidos aos interesses de uma classe, que faz parte de uma representação ideológica da sociedade (Foucault, 2009).

Ao partir do pressuposto de que as crianças são bombardeadas por várias restrições e normas de cunho corretivo, nota-se que o comportamento brando e indiferente é característico nas crianças, contudo, em muitos casos, algumas delas podem reagir de forma violenta, devido ao tratamento que recebem. Visto que um

adulto não suportaria facilmente vivenciar tais restrições de maneira semelhante em seu cotidiano (Albertini, 1994).

Existe um possível ressentimento nos seres humanos com relação ao processo civilizatório em que todos foram submetidos, o qual se expressa por meio da agressividade. Uma vez que a repressão destes impulsos agressivos pode com o tempo determinar-se à perda da felicidade e ao aumento do sentimento de culpa. Dessa forma, torna imperceptível o mal-estar estrutural a que se está inserido (Freud, 1980).

Pode-se levar em consideração o que Reich (2003) salienta sobre as motivações inconscientes, das quais se implicam na maioria das vezes em uma prática educativa repressora. Asseguram-se dessa maneira, como as questões internas do educador podem produzir frustrações significativas e até mesmo desnecessárias no educando. Portanto, com o tempo estas questões assumem uma proporção exímia, ao nível de se tornarem problemas patogênicos.

É postulado a existência da relação entre a agressividade e o desenvolvimento, da qual a sociedade apresenta-se em perigo pela repressão ou pela ausência da mesma, nos indivíduos. A culpa disso se encontra no cuidador, que tem como tarefa promover um campo de oposição aos movimentos agressivos manifestos pela criança em direção ao mundo. Dessa maneira, se propicia o fornecimento de subsídios necessários à experiência subjetiva do existir em continuidade, composto de projeções e introjeções realizadas, desde os movimentos iniciais, como forma de produção de sentidos na relação entre os corpos (Winnicott, 1978).

Sendo assim, o peso da educação equivocada perpetua séculos de ignorância. Estruturas distorcidas são transmitidas a cada nova geração, nas quais a deturpação das capacidades naturais atribuídas ao recém-nascido se reproduz continuamente; devido a um moralismo compulsivo, no qual esta natureza é reprimida por instituições, evasões e crenças sociais (Reich, 2013).

Nesse sentido a corporeidade se revela na materialidade dos encontros. Articulando-se dessa maneira a capacidade inventiva, que ao interagir com o meio de modo produtivo, por intermédio da expressão artística, pode manter-se em contato com sentimentos mais intensos (Borges, 2011).

O contexto ideológico da saúde perfeita na cultura somática atual transforma em patologia praticamente tudo que impeça o indivíduo de atingir suas exigências.

Dessa forma, se faz importante uma reflexão aprofundada sobre o reconhecimento do indivíduo da limitação em sua existência imposta pela doença. As noções de disfunção, transtorno ou déficit vem transformando a experiência vivencial em crescentes desvios de funcionamento, dificuldade ou falha no desempenho. Entretanto nem todo desvio em relação à normalidade estabelecida, implica em doença (Bezerra Jr, 2004).

É importante a remoção dos obstáculos que impedem a produtividade e plasticidade natural das crianças para que possam se adaptar ao ambiente por intermédio de seus próprios recursos, ao invés de cominar ideias que se mostram prejudiciais a cada nova geração. No entanto, é necessário adicionar comportamentos de culturas anteriores e reelaborá-los para que possam se aplicar nas conseqüentes (Reich, 2013).

Quando o ser humano identifica falhas concernentes a sua própria educação, tende-se a manifestar o desejo de repará-las na geração seguinte. Porém, essa louvável percepção fracassa-se diante a ausência de capacidades para se corrigir na criança, os equívocos que são reincidentes. Nota-se que o desacerto consiste em acreditar que apenas a criança precisa ser educada, dessa forma deixam-se de considerar a carência de educação no próprio educador (Jung, 1988).

Deve caminhar-se diferente para impedir a interferência no desenvolvimento infantil, ao passo em que este processo é lento, gradativo e implica ir contra a forte tendência da estrutura atual de resultados rápidos com mínima ação. Trata-se de desenvolver a harmonia entre a criança e o meio ambiente em que está inserida, já que é impossível manter-se saudável em um meio adoecido. Tendo em vista que não é a natureza congênita que instaura dificuldades, mas a confusão de opiniões, os interesses sociais centrados em manobras diplomáticas, aliados aos compulsivos princípios éticos (Reich, 2013).

Reforça-se a existência de opressão e exploração social, por meio do crescente desenvolvimento tecnológico que ameaça modificar o progresso em seu oposto. Pode-se perceber que as qualidades estimadas são tão sociais quanto individuais, dessa maneira, entende-se que a personalidade corresponde à hierarquia social e natural imutável (Horkheimer, 2010).

Geralmente a razão disso se mostra pela ideia de personalidade vista como sinônimo de decisão e resistência, todavia este é um ideal de adulto do qual se atribui equivocadamente à infância. É possível observar que a personalidade

impedida de se desenvolver em pessoas que não conseguem escolher seu próprio caminho de forma consciente e moral. Pois esta se equivale à realização máxima de um sujeito em afirmação integral e individual da adaptação ao todo, do qual faz parte. No entanto, a força para o desenvolvimento da mesma provém da necessidade, que se amplia no decorrer da vida, em um esforço para um ideal inatingível, o qual deve ser levado em consideração, já que os ideais indicam caminhos (Jung, 1988).

É possível se perceber os atravessamentos demarcadores do normal e do patológico, como hierarquias das quais se distingue – no plano social – aquilo que é aceito daquilo que é recusado. Tal fato cultural demonstra o interesse crescente nos conceitos de saúde e doença como uma orientação às práticas terapêuticas. Na medida em que se assimila e reproduz tais conceitos, apresentam-se reflexos que podem desencadear um crescente processo de patologização e medicalização da existência (Bezerra Jr, 2004).

Denota-se, que o adulto precisa estar em contato com a criança, conectado e envolvido, para que se possa compreender a particularidade da mesma e reconhecer sua expressão emocional de maneira singular, a fim de evitar confusões a cerca do que é entendido como adoecido e saudável (Reich, 2013).

Com frequência observam-se crianças vestidas à cópia de seus pais, ao mesmo tempo em que há um incremento às exigências para que desenvolva o maior número de competências possíveis, almejando um futuro notório. Existe uma considerável semelhança entre a agenda de um adulto e a da criança, em que dessa maneira tem sua infância composta por uma diversidade de atividades organizadas, passando-se desde cursos e aulas, a consultórios de variados especialistas (Machado, 2017).

O homem tem se distanciado de sua essência na tentativa de se aproximar da aceleração das exigências do cotidiano. Intensificado pelo avanço tecnológico, imbuído de um consumismo aparentemente superficial, que tenta preencher de maneira incompleta o sentimento da real necessidade de construção interna. O que poderia fazer mais sentido na medida em que valorizasse o potencial criativo presente em si e não no preenchimento supérfluo externo (Borges, 2011).

No entanto, ao se adotar o ideal como normativo, implica, assim, em determinar o patológico não como desvio de um padrão definido, mas como a expressão criativa menos sucedida em relação à norma saudável que se exige.

Acentua-se a patologia como uma tendência que impede a percepção do organismo em sua real necessidade. Portanto, mostra-se em um desafio dirigido sempre a uma reação com intenção de cura. Embora a solução para enfrenta-la não acarrete apenas em alteração no funcionamento do organismo, mas na reestruturação do modo de vida, no qual indivíduo e mundo se constituem (Bezerra Jr, 2004).

Contudo, a criatividade proveniente de experiências e descobertas – na relação com o mundo – começa a ser tolhida. Revela-se, na atual conjuntura uma criança criativa como um ser incontrolável, carecendo, assim, de forma obrigatória, a se comportar, precocemente, como um adulto.

Em relação às crescentes patologias, que são identificadas de forma desenfreada, juntamente com diagnósticos, alia-se o acompanhamento medicamentoso, tornando-se um padrão que compõe a estigmatização infantil. Nem sempre são crianças verdadeiramente adoecidas, mas produto de pais que apresentam dificuldades ao lidar com seus filhos. Procura em tais métodos, com o intuito de nomear seus insucessos, aquilo que não conseguem enfrentar, aplicando-se a repressão em forma de estigma (Bezerra Jr, 2004).

Pode-se utilizar como ilustração, o filme *O Pequeno Príncipe* (2015), uma versão do metafórico livro de Antoine de Saint-Exupéry. Na estória, uma menina de oito anos, impedida de ter experiências espontâneas, por estar sendo preparada pela mãe para estabelecer-se promissoriamente na sociedade. A mãe manifesta-se preocupada com o futuro brilhante que a filha deve ter, então investe em um rigoroso cronograma diário, com horários e regras, para que a filha possa seguir um programa de vida. Mas ao se pensar somente no futuro, esquece-se de perceber o agora e o que realmente a menina precisa. Na trama tira-se de lição o fato de que a infância necessita ser leve e flexível, para tornar-se futuramente, um adulto com capacidades de escolha sobre aquilo que realmente deseja (Machado, 2017).

Os atravessamentos na contemporaneidade provocam modificações na forma de sentir, seja pela grande excitação corporal ou por seu esvaziamento. Dessa forma, o indivíduo transita entre a fluidez da composição existencial moderna e ao autoritarismo enrijecido. A prática das relações verticalizadas provoca a destituição da capacidade crítica dos indivíduos, na medida em que, regidos por algum arquétipo social, abandona-se as formas singulares de estar no mundo, reproduzindo-se assim os padrões já estabelecidos. Com o tempo perde-se a habilidade de escuta interna, pois dentro da perspectiva do referido ideal do grupo

margeia em seus modos de experimentação, sendo esvaziado das condições de afirmar-se na vida (Borges, 2011).

Muitos adultos se esquecem de que já foram crianças, espera-se, das mesmas o comportamento e o ritmo que estes têm. Ao se exigirem algo além do tempo, podem gerar ansiedade tanto neles como nas crianças, criando-se barreiras que impossibilita o fluxo energético natural de criatividade. Dessa maneira, o esquecimento do brincar, confere-se em matizes acinzentadas e enrijecidas (Machado, 2017).

O processo criativo possibilita ao sujeito realizar uma nova combinação daquilo que já existe, sem que seja apenas uma reorganização do antigo, todavia possa efetivamente se emergir nova estrutura mental. Em um procedimento de aprendizagem, desenvolvido de forma criativa, no qual se permite elaborar habilidades cognitivas de estrutura mais completa, o que pode ter um papel importante para sentir, imaginar e adaptar-se. O indivíduo pode ser criativo, colocando-se disponível a emergência de uma ação ao potencial criador. Pode-se de maneira original, dar uma resposta adequada a uma situação nova ou até mesmo uma resposta nova a alguma situação já conhecida (Borges, 2011).

A criatividade visa preencher o desejo de um novo objeto ou estado experiencial o qual não se pode facilmente encontrar ou atingir, embora seja perceptível, tanto no processo, quanto no produto criativo. Nas crianças observam-se originalidade e espontaneidade, que ao entrarem em contato com as disciplinas educativas e normativas do meio social, tende a distanciá-las da criatividade e aproxima-las dos clichês comuns. Deve-se salientar que as vivências cotidianas nos diferentes grupos sociais são importantes, na medida em que proporcionam e conduzem ao encontro consigo mesmo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A infância constitui-se como uma construção social tecida a partir dos fios ofertados pelas características de uma determinada cultura, assim como, por meio de experiências com o ambiente. Partindo dessa constatação, o presente estudo pretendeu conceitualizar a subjetividade e como a mesma se constrói, por intermédio das vivências e assimilações da criança em relação com o mundo.

Na contemporaneidade, observa-se com frequência o incremento de exigências relativas ao desenvolvimento de capacidades e competências e a pouca importância atribuída à espontaneidade. Para tal, entende-se que as exigências exercidas pelos educadores, bem como a herança educacional da sociedade ditatorial, têm função importante em alguns contextos, principalmente no que se refere ao convívio social. Entretanto, percebe-se que existe um crescente desvio em relação à normalidade imposta, o que implica em adoecimento. Assim, as patologias são crescentes, e com isso a medicalização igualmente como forma de controle, juntamente com a falta de preparo dos adultos para lidarem com a espontaneidade das crianças.

Dessa maneira, as crianças têm sofrido por terem que se enquadrar no estilo de vida estabelecido, e o adulto ao exigir das mesmas, não compreende os impactos deste modelo de educação. Espera-se que este estudo possa ser útil no campo da psicologia e da educação, com o intuito de causar reflexões a respeito dos modelos de formação do sujeito do qual se conhece, fornecer subsídios necessários para a construção de estratégias mais condizentes para propiciar intervenção nas adversidades, provocar discursos e práticas do coletivo.

REFERÊNCIAS

- Albertini, P. (1994). A busca do possível dentro do impossível. In: P. Albertini. *Reich: histórias das idéias e formulações para a educação* (1a ed., pp. 61-65). São Paulo, SP: Ágora.
- Barroco, S. M. S., & Tuleski, S. C. (2007). Vigotski: o homem cultural e seus processos criativos. *Psicologia da Educação* (24), pp. 15-33.
- Bezerra Jr, B. (2004). O normal e o patológico: uma discussão atual. In: B. Bezerra Jr. *O normal e o patológico* (1a ed., pp. 91-109). Rio de Janeiro, RJ: Vozes.
- Borges, H. (2011). Entre a palavra e o movimento. *Cadernos de Psicanálise-CPRJ*. 33(24), pp. 92-104.
- Deleuze, G. (2001). Empirismo e subjetividade. In: G. Deleuze. *Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume* (1a ed., pp. 93-115). São Paulo, SP: 34.
- Foucault, M. (1988). *Historia da sexualidade I: a vontade de saber* (13a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Graal.

- Foucault, M. (2009). *Microfísica do Poder* (25a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Graal.
- Freud, S. (1980). *O mal-estar na civilização* (Vol. XIV). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1980). Totem e tabu. In: S. Freud. *Totem e tabu e outros trabalhos* (Vol. XIII, pp. 13-197). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Horkheimer, M. (2010). Ascensão e declínio do indivíduo. In: M. Horkheimer. *Eclipse da razão* (7a ed., pp. 133-166). São Paulo, SP: Centauro.
- Jung, C. G. (1988). Da formação da personalidade. In: C. G. Jung. *O Desenvolvimento da personalidade* (4a ed., Vol. XVII, pp. 171-192). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Leontiev, A. N. (2010). Uma contribuição á teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: L. S. Vigotskii, A. R. Luria, & A. N. Leontiev. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem* (11a ed., pp. 59-83). São Paulo, SP: Ícone.
- Magalhães, J. H. (2014). Vygotsky e Moscovici sobre a constituição do sujeito. *Psicologia em Pesquisa*, 8(2), pp. 241-251.
- Mansano, S. R. (2009). Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. *Revista de Psicologia UNESP*, 2(8), pp. 110-117.
- Papalia, D. P., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2006). Desenvolvimento Humano. In: D. P. Papalia, S. W. Olds, & R. D. Feldman. *O estudo do desenvolvimento humano* (8a ed., pp. 44-60). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Piaget, J. (1988). *Psicologia e Pedagogia*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.
- Reich, W. (1988). A função social da repressão sexual. In: W. Reich. *Psicologia de massas do facismo* (2a ed., pp. 41-47). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Reich, W. (2013). *Children of the Future: On the prevention of sexual pathology*. (J. H. Volpi, & S. M. Volpi, Trans.) New York: Farrar, Straus and Giroux.
- Rey, F. L. G. (2003). A subjetividade e seu significado atual na construção do pensamento psicológico. In: F. L. G. Rey. *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural* (R. S. Guzzo, Trad., 1a ed., Vol. 1, pp. 199-274). São Paulo, SP: Pioneira Thomson Learning.
- Searl, N. (1973). Perguntas e respostas. In: M. Klein, S. Laacs, E. F. Sharp, & N. Searl. *A educação de crianças à luz da investigação psicanalítica* (pp. 75-101). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Vygotsky, L. S. (1991). *A formação social da mente* (4a ed.). São Paulo, SP: Martins Fontes.

- Vygotsky, L. S. (2009). Criação e imaginação. In: L. S. Vigotski. *Imaginação e criação n infância: ensaio psicológico* (Z. Prestes, Trad., 1a ed., pp. 11-18). São Paulo, SP: Ática.
- Winnicott, D. (1978). Agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional. In: D. Winnicott. *Da pediatria a psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves.
- Winnicott, D. W. (1983). A integração do ego no desenvolvimento da criança. In: D. W. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 55-61). Porto Alegre, RS: Artmed.

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA**Autor Orientando:**

Rayane Stéfane Rocha

Rua Geroncio Gonçalves, 161, Bairro Alvorada

(34) 3814-3515

rayanesrocha@gmail.com

Autor Orientador:

Leonardo Carrijo Ferreira

Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira, 1220, Bairro Cristo Redentor

(34) 3818-2300

p.i.i.h@hotmail.com

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada à fonte.

Patos de Minas, 29 de junho de 2018

Rayane Stéfane Rocha

Leonardo Carrijo Ferreira



FACULDADE PATOS DE MINAS



FACULDADE PATOS DE MINAS

Mantenedora – Associação Educacional de Patos de Minas

Portaria de Recredenciamento MEC – DOU Nº. 1469 de 10 de Outubro de 2011.

Departamento de Graduação em Psicologia

Curso de Bacharelado em Psicologia

(Formação de Psicólogo)

Curso Reconhecido pela Portaria DIREG/MEC Nº. 371 de 30/08/2011, renovado Reconhecimento de Curso pela Portaria DIREG/ME Nº. 267 de 03/04/2017, publicado DOU em 04/04/2017, nº. 65, sessão 1, pág. 70-81

“Como Psicólogo, eu me comprometo a colocar minha profissão a serviço da sociedade brasileira, pautando meu trabalho nos princípios da qualidade técnica e do rigor ético. Por meio do meu exercício profissional, contribuirei para o desenvolvimento da Psicologia como ciência e profissão na direção das demandas da sociedade, promovendo saúde e qualidade de vida de cada sujeito e de todos os cidadãos e instituições.”

(Juramento do Psicólogo – Conselho Federal de Psicologia)